

Bibliotecas! Se o sema actual nos leva para o mundo clássico grego, enquanto lugar de recolha e conservação de livros, códices e documentos, a realidade é muito mais antiga; podemos acompanhá-la, na sua evolução diacrónica, desde a descoberta da escrita nas civilizações pré-clássicas. Assim foi na Mesopotâmia, assim foi no Egipto.

Na verdade, a invenção da escrita marca um real e valioso salto qualitativo na evolução do espírito humano. É a partir dela, que se propaga a memória das descobertas e invenções, que, empiricamente, provam ao próprio ser humano que o homem é ele e as suas circunstâncias; que as dificuldades e doenças o acicatam na procura de remédios e na sistematização da ciência; que a religião o ajuda a obter a protecção dos deuses e o promove na prática do bem para com o seu semelhante; que as lutas e guerras são a forma necessária de criar impérios e dominar outros povos.

Começa, então, a preocupação de perpetuar a lembrança para que os vindouros conheçam os factos e admirem os seus agentes; maior, porém, será a preocupação de auto-afirmação no convívio dos contemporâneos e súbditos. Muitas inscrições em penedos, estelas, tabuletas e templos por parte de governantes, reis, faraós e sacerdotes, são a prova clara de que, desde os primórdios da cultura escrita, o homem sentiu a necessidade de se dar a conhecer, de se afirmar superior. A escrita foi, desde logo, um privilegiado veículo de propaganda, mesmo antes de ser um instrumento de saber.

Assim foi, de facto, na Mesopotâmia, berço da cultura e cadinho de civilizações onde, no espaço de milhares de anos, desde 3200 AC, se sucederam as civilizações pré-clássicas dos sumérios, acádicos, assírios, babilonenses, medos e persas. É toda uma cadeia de relações e de osmose culturais em que a escrita cuneiforme, comum a todos esses povos, servirá de veículo para a construção do saber

universal e se tornará geradora das primeiras bibliotecas da humanidade. Na verdade, começara, então, a formar-se a literatura com dimensões históricas, científicas, religiosas, filosóficas, jurídicas. Encontradas em recônditos de templos ou em salas-arquivos de palácios reais, chegaram até nós em frágeis tabuletas de barro cozido as primeiras narrativas mitológicas, autênticas jóias literárias da humanidade. Como disse Fernando Pessoa, "o mito é o nada que é tudo" Por isso, essas distantes narrativas ecológicas foram a resposta possível e satisfatória às inquietações interrogativas, que transcendem a inteligência dos humanos. Como não lembrar os poemas de *En uma Eljsh* e a epopeia de *Gilgamesh* ? E que dizer daqueles textos legislativos, encontrados em várias **cópias** a demonstrar a necessidade de leis para manter a ordem, afirmar a dignidade do homem, salvaguardar a justiça social, defender órfãos e viúvas, conter a exploração e reprimir a opressão? Milhares de anos antes de Cristo, na Mesopotâmia aparecem os primeiros códigos de direito legislativo a nível mundial (Ur-Nammu, Lagalzagesi, Shulgi, Eshnunna, Hammurabi) ao lado de muitos textos, que não passam de exercícios escolares, e de tantos e tantos documentos de simples compras e vendas. Os materiais de suporte da escrita são ainda deficientes e frustres, não facilitam a conservação e difusão, mas não deixam de ser a prova real do interesse e da necessidade de saber ler, escrever e contar, que leva à criação dos primeiros arquivos históricos e das primeiras escolas de escribas e das bibliotecas onde se faz a "troca" de conhecimentos, ao mesmo tempo que se transmite a cultura. Sem dúvida, "a história começa na Suméria", e a "biblioteca de Assurbanípal" (661-629 AC), consagrada ao deus Nabû, é a primeira grande instituição cultural conhecida. No seu palácio de Nínive, o belicoso rei assírio não se limitava a contar soldados e carros de guerra, ou a receber tributos e oferendas dos povos dominados;

apreciava também o ócio da leitura e da reflexão. Dai a riqueza e variedade de tabuletas inscritas: textos adivinhatórios e apotropaicos, astrológicos e mitológicos, para além de muito documentos de carácter material-económico. De resto, foi na Suméria que se encontrou o primeiro catálogo duma biblioteca, uma pequena tabuleta ou placa em duas colunas (38x23 mm) com a lista de 62 obras literárias (Museu da Universidade de Filadélfia, N° 29-15-166).

Assim foi também entre os egípcios. Que o digam as inúmeras inscrições, que cobrem os templos principais de Karnak e Luxor, Ramesseum, Abu Simbel e Medinet Abu, ou estão gravadas em estátuas e estelas? Que o digam os incontáveis e admiráveis papiros espalhados pelos museus do mundo?! E que nos diria a escola de escribas a funcionar junto aos templos, a celebrada "casa da vida" (*Per-Ankh*). tendo os respectivos sacerdotes por mestres para ensinar as "palavras de Tot"? E como são numerosos e belos os livros que nos chegaram do Egipto faraónico, quer dos Mortos quer de escritos literários?! Não sem razão, um escriba antiquíssimo louvava a imortalidade dos escritores egípcios e exaltava a sua profissão:

"Sé um escriba de coração.

Para que o teu nome seja como o deles.

Vale mais um livro que uma estela gravada,

Que um sólido túmulo escondido...

A morte fez esquecer os seus nomes

Mas os livros fizeram-nos lembrados!"

Bibliotecas! Nas civilizações pré-clássicas já era, de certa maneira, assim! Mas seria preciso ainda esperar muitos séculos para o mundo clássico ouvir falar da célebre biblioteca de Alexandria, espécie de "breviário mediterrânico" cultural do Ocidente, das bibliotecas de Atenas, de Pérgamo e de Roma. Mas o mundo contemporâneo, esse ainda terá

muito que se preocupar em organizar e construir bibliotecas, acabando, assim, por reconhecer que elas são, na verdade, instituições prestimosas da memória cultural e do saber acumulado da humanidade.

Geraldo J. A. Coelho Dias